COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

[Recensão crítica a 'A Idade da Noite (Poesia I)', de Carlos Nejar; 'A Idade da Aurora (Poesia II)', de Carlos Nejar]

Antonio Carlos Secchin

Para citar este documento / To cite this document:

Antonio Carlos Secchin, "[Recensão crítica a 'A Idade da Noite (Poesia I)', de Carlos Nejar; 'A Idade da Aurora (Poesia II)', de Carlos Nejar]", *Colóquio/Letras*, n.º 159/160, Jan. 2002, p. 497-498.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

alcança os nossos dias em desdobramentos inusitados. A este respeito, Andrade Muricy, há cinquenta anos, deu início a um trabalho que, salvo erro, não teve continuadores. Espinha dorsal desse segmento, a obra de Cecília Meireles abre-se agora como um pálio. O compromisso é de todos.

André Seffrin

CARLOS NEJAR

A IDADE DA NOITE (POESIA I)
A IDADE DA AURORA (POESIA II)
São Paulo, Ateliê Editorial / 2002

Vinte e um livros, 43 anos e 970 páginas depois do inaugural *Sélesis*, Carlos Nejar reúne a sua poesia (quase) completa nos volumes *A Idade da Noite* e *A Idade da Aurora*. Falamos de «quase» em dois sentidos: não apenas pelo facto de alguns textos não integrarem a colectânea (por exemplo, *A Espuma do Fogo*, 2002), mas também porque, para Nejar, nenhuma poesia consegue ser rigorosamente «completa». Definindo-se, mais de uma vez, como «Servo da Palavra», Nejar sabe que poeta é aquele que persegue o impossível, uma espécie de acendedor de relâmpagos, ébrio de uma luz que, depois de passar, deixa o escuro mais escuro, pelo contraste com o brilho extinto. Vestígios dessa luz ainda queimam as mãos do poeta: palavras-labareda com que reviverá a memória do clarão perdido no corpo do texto encontrado.

No panorama da moderna poesia brasileira, Nejar ocupa uma posição consolidada, e, sob vários aspectos, na contracorrente das suas tendências mais evidentes. O poeta prefere, para dialogar, as grandes vozes da lírica ocidental (Dante, Goethe e, mais próximos, Pound e Eliot) às dos seus contemporâneos, sem esquecermos o fascínio que lhe desperta o que poderíamos denominar «discursos fundadores»: a *Bíblia*, a *Ilíada*, *Os Lusíadas* — não para celebrar confortavelmente a segurança de uma «origem», mas, pelo contrário, para indagar o que há aquém do zero, ou, na ponta oposta do futuro, para perscrutar o que se esconde ainda para além do invisível. Verbo dos deslimites, na coabitação de tempos antagónicos, de geografias díspares, concretas e impalpáveis («Nos sentamos / na tora de um milénio»). Verbo porta-voz dos ventos, dos abalos sísmicos, que se alça ao tom profético e místico («Tudo é continuação de outra continuação mais inefável: Deus»), mas verbo que também sabe inflectir-se na dicção intimista das canções à bem-amada Elza: «Provados somos e o provar é um gomo / desta romã partida pelas águas. / Somos o fruto, somos a dentada / e a madureza de ir no mesmo sonho.» Mas, sobretudo, palavra movida pela paixão, pelo apelo e apego ao outro, pela solidariedade aos que, perdendo memória e identidade, a recuperam pela invenção do passado, ou pela promessa de um futuro forjado contra o olvido e contra o precário. É o que se lê num dos seus mais belos poemas, «Contra a Esperança», tecido num subtilíssimo confronto dialéctico entre a esperança e o desespero: «É preciso esperar contra a esperança. / Esperar, amar, criar / contra a esperança / e depois desesperar a esperança / mas esperar, / enquanto um fio de água, um remo, / peixes / existem e sobrevivem / no meio dos litígios.»

Numa época em que a contenção, o minimalismo, são erigidos por muitos à categoria de inviolável mandamento estético, pode surpreender a exuberância discursiva de Nejar, que o leva, por exemplo, a cultivar o poema longo, ou mesmo o poema-livro. A questão é complexa, pois percebemos que o «fluvial» corresponde apenas a uma das facetas do seu repertório de formas. Tal repertório inclui igualmente a prática microscópica do haicai; atravessa, com excelente resultado, o livro de sonetos (*Amar, a mais Alta Constelação, Sonetos do Paiol*); transita desenvoltamente da veia lírica para a épica (dissolvendo também as fronteiras entre prosa e verso) em várias obras, entre as quais a que concentra, talvez, o projecto de maior fôlego e de mais densa envergadura da poesia nejariana: *A Idade da Aurora* (1990). Classificado, pelo próprio Autor, de «rapsódia», o texto, numa sucessão vertiginosa de metáforas («E é um caracol a manhã pelo rugir das chamas»; «O mundo é uma baleia»), recria miticamente um Brasil de cores, sons, aromas, sob forma de uma fábula arquetípica a que não faltam traços de oralidade aliados à sofisticada trama de imagens. O poeta, mais do que criar metáforas para conotar um real que lhes seria preexistente, sugere que, pelo contrário, só através da metáfora o real se pode constituir, como um dos seus efeitos — seja uma pétala, seja um país.

A editora Ateliê, de São Paulo, tem-se notabilizado pelo apuro gráfico das suas publicações. Numa edição como esta, tão bem cuidada, é apenas de lamentar a ausência de algumas balizas que seriam bastante úteis ao leitor não iniciado na obra de Nejar: índice remissivo de primeiros versos e de títulos de poemas; fortuna crítica do poeta, já bastante extensa (melhor ainda se não apenas repertoriada, mas reproduzida em seus artigos mais relevantes); exaustivo levantamento bibliográfico do escritor, cuja produção multifacetada, embora tenha a poesia como eixo, não se lhe restringe. Nejar é também ficcionista, dramaturgo e ensaísta, tendo publicado, em 1994, *A*

Chama É Um Fogo Úmido, preciosa reflexão sobre a poesia contemporânea e que, sob vários aspectos, fornece pistas fundamentais para um melhor entendimento da sua própria criação. Estas pequenas omissões, além de um ou outro erro tipográfico facilmente sanável em próxima edição, em nada diminuem o valor de um livro que, de modo definitivo, oferece ao leitor de língua portuguesa o melhor da obra de um dos seus mais importantes poetas.

Antonio Carlos Secchin

FICÇÃO

RUBEM FONSECA

A CONFRARIA DOS ESPADAS

São Paulo, Companhia das Letras / 1999
Porto, Campo das Letras Editores / 2001

A Confraria dos Espadas, oitavo livro de contos de Rubem Fonseca, mostra que o Autor, apesar de veterano, ainda não perdeu a forma nem a capacidade de surpreender o leitor, mesmo aquele que já lhe conhece o vocabulário, a estrutura física da prosa e o engenho narrativo. É que, neste livro, onde se encontram alguns contos pouco acrescentando à obra, há outros que, em compensação, merecem lugar de destaque numa possível antologia dos melhores produzidos pela literatura brasileira no limiar do terceiro milénio.

Um deles, intitulado «À maneira de Godard» e construído como peça de teatro, encena a história de um homem e uma mulher, Romeu e Julieta, extremamente cultos, mas sofrendo da mesma fobia: a aversão pelos órgãos genitais do sexo oposto. Juntos, procuram superar o trauma participando num estranho jogo em que um discurso literário muito sofisticado é perpassado por movimentos altamente eróticos.

Outro exemplo da capacidade fonsequiana de surpreender pela indiferença das personagens aos valores morais é o conto que abre o livro, «Livre-Arbítrio». Nele, um homem escreve cartas em que explica com orgulho indisfarçável a maneira como se coloca ao serviço de mulheres que querem encontrar a morte sem maiores sofrimentos.

Desde os primeiros contos de *Os Prisioneiros*, o livro de estreia em 1963, que na obra de Rubem Fonseca sempre se reflectiu a sociedade amoral que o desenvolvimento a qualquer preço produziu no Rio de Janeiro. Massacrados entre o mar e os morros, os habitantes da cidade, antiga capital do Império e da República, desenvolveram características próprias (e tortuosas) de pensar, de falar e de agir, que, propagadas *ad nauseum* pelo monopólio televisivo que há mais de três décadas domina o Brasil, infectaram todo o tecido social do país, especialmente o das grandes cidades.

Céptico e corrosivo, Rubem Fonseca nunca namorou o marxismo: o mesmo é dizer, ironicamente, que também nunca exercitou as virtudes cristãs, pois ambas as filosofias são faces da mesma moeda. Apostou sempre no pior da espécie humana. E o futuro só serviu para lhe dar razão.

Mesmo na época em que estava na moda o escritor burguês com opções ideológicas de esquerda, Fonseca posicionava-se do outro lado da barricada, ajudando profissionalmente o ideólogo Golbery do Couto e Silva a construir o arcabouço da ditadura militar de 1964, um monstro que fez milhões de vítimas. E que não foram apenas os que ousaram ir até às últimas consequências na tentativa de derrubar os opressores, inclusive pegando em armas, mas aqueles inconscientes que viram os horizontes de vida fechados pelo modelo concentrador do rendimento e distribuidor da miséria e do analfabetismo.

Fome, desemprego, exploração, imigração nunca foram temas que preocupassem o escritor Rubem Fonseca. Mas a sua opção literária tampouco o situou do lado dos vencedores — muito menos do da elite varrida das entranhas do poder pela direita que, anos depois, retornou para mostrar que, com ela, o futuro também não teria sido melhor. Fonseca preferiu agarrar-se à velha máxima dostoievskiana que recomenda nada esperar de grandioso do homem. Por isso também desagradou, com o cruente *Feliz Ano Novo* (1975), à nova ordem no poder a partir de 1964.

Desde então, o A. não tem feito nada mais do que repetir-se. Mas com a grandeza de um mestre que encontrou o próprio caminho. Podemos verificá-lo num dos melhores contos deste volume, «Anjos das Marquises», em que o escritor parece dizer que, na actual sociedade brasileira, competitiva e desumana, não há lugar para a benemerência. Alguém sempre lucrará com a ingenuidade e a boa vontade das pessoas que ainda deixam crescer no coração o gérmen da solidariedade.

Embora correndo o risco de estragar o prazer da surpresa, não posso deixar de dar como exemplo o conto em que um aposentado bem colocado na vida, viúvo, solitário e sem planos para o futuro, se deixa enternecer pelo trabalho aparentemente louvável de um grupo de pessoas dispostas a ajudar os mendigos que dormem debaixo das marquises dos edifícios da zona sul do Rio de Janeiro. Ansioso por fazer alguma coisa e talvez usar o dinheiro para ajudar os outros, Paiva, o aposentado, insiste em ser aceite pelos Anjos das Marquises, a quem se